



**X Fórum
Nacional
NEPEG**

**de Formação
de Professores
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

1 ANO DE EXPERIÊNCIA PIBID: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE ESCOLAR

Indira Cavalcante da Rocha Marques
Faculdade de Geografia e Cartografia - UFPA
indiramarquesgeo@gmail.com

Anna Thereza Correa Trindade
Geografia Federal do Pará - UFPA
annactrindade@yahoo.com.br

Heitor Alliende da Costa Moreira
heitoralliende28@gmail.com

Resumo: A escola pública faz parte de uma sociedade marcada por profundas contradições sociais, contradições estas imputadas de maneira até sistemática. Qual papel o ambiente escolar cumpre numa instituição do estado (escola) que é a expressão de uma sociedade segregada e segregadora? É a problematização que nos envolve nesta pesquisa relacionada a esse artigo. A pesquisa desenvolveu-se na Escola Estadual de ensino fundamental e médio Dr. Freitas, em Belém do Pará. Como referencial teórico se recorreu a Paulo Freire, Ana Fani Carlos, Francisco Gutiérrez, Karl Marx e Juarez Dayrell. Com o objetivo de levantarmos reflexões sobre essa escola nos colocamos a seguinte questão: qual é o papel que o ambiente escolar cumpre numa escola que é a expressão de uma sociedade segregada e segregadora? A escola pública imersa em normas e numa realidade de falta de infraestrutura, de incentivo ao aluno, de apoio às atividades docentes e de baixa remuneração de seus profissionais de que forma estimula a formação de pessoas autônomas e reflexivas? Nesses questionamentos levantados concluímos que essa escola lamentavelmente é parte de um processo mais amplo de reprodução das condições da exploração da sociedade, formando pessoas com baixa formação técnica e baixa capacidade crítica referente aos instrumentos de dominação capitalista.

Palavras-chave: Escola pública; segregação; educação bancária.

Introdução

O presente artigo ousa traçar um paralelo sobre as consequências da educação “bancária” na construção da personalidade dos alunos e a relação desses com o ambiente escolar, sendo este ambiente instrumento coadjuvante das amarras da autonomia crítica problematizado por Paulo Freire, Ana Fani Carlos, Francisco Gutiérrez, Karl Marx e Juarez Dayrell. Esses autores centraram seus estudos inferindo a respeito da escola como espaço sociocultural e produtor de saberes, na compreensão de que o aluno oprimido pode se tornar autônomo, e os questionamentos inseridos nessas obras sobre: o aluno e sua motivação para a aprendizagem; as condições de trabalho do professor; a diversidade cultural; as múltiplas dimensões educativas do espaço escolar além da arquitetura escolar; a dimensão do conhecimento na escola; a concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão e exploração capitalista, além da rigurosidade disciplinar no ato de ensinar.

A sociedade capitalista, tal qual sistematizou Karl Marx (1988), tem como dicotomia principal a oposição entre capital e trabalho. A burguesia se apropria do trabalho excedente dos trabalhadores, configurando a mais-valia. Trabalhadores, por não disporem dos meios de produção, são levados a vender a única mercadoria que lhes resta, a sua força de trabalho. Nesses termos, o capital é antes de tudo uma relação social, a relação entre proprietários e não proprietários dos meios de produção.

No final do processo, ao completar o ciclo, o capitalista continua como capitalista e o trabalhador tão somente como não proprietário de meios de produção. Como agravante se alimenta o exército industrial de reserva, que é a massa de trabalhadores desempregados em busca de ocupação e que é usado como um elemento de pressão sobre os empregados para que estes aceitem as condições impostas pelos proprietários dos meios de produção..

No capitalismo, o espaço é reproduzido segundo as necessidades da acumulação e do lucro, de modo que ele é transformado em mercadoria e em condição necessária e central à acumulação de capital. “A reprodução do capital se realiza através do espaço, que também é mercadoria como extensão do mundo da mercadoria”. (CARLOS, 2011, p. 87)

Mediante tais afirmações conclui-se que o aluno, desde sua tenra idade até seu último ano na escola é moldado aos padrões da sociedade capitalista e, preparado através de condicionantes disciplinares que o levam a paradigmas servís nas relações de trabalho. O

aluno não é criado para questionar, mas para obedecer e considerar natural as relações de exploração capitalista.

Dayrell (1996) concebe o ambiente escolar como espaço sociocultural, trazendo para a análise o fazer cotidiano dos sujeitos que nele atuam. Análise da instituição escolar, apreendida no seu fazer cotidiano, destaca a ação dos sujeitos na relação com as estruturas sociais, revelando a escola como o resultado do confronto de interesses. De um lado há a organização oficial do sistema escolar, que define competências, conteúdos, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo as relações. De outro, encontram-se os sujeitos que criam uma trama própria de interações, fazendo da escola um processo permanente de construção social. Dessa forma, é um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar.

A dinâmica escolar é resultado da constante ação recíproca entre o sujeito e a instituição. Essa visão permite ampliar o horizonte de análise do ambiente escolar, apresentando uma ideia complexa das relações existentes no mesmo e resgatando o papel ativo dos sujeitos, sejam eles representantes do sistema dominante (com suas normas) ou não. Refletir o espaço escolar, a partir do papel ativo dos sujeitos, traz à tona o modelo de escola presente no sistema educacional brasileiro, que se sustenta, de modo geral, no escopo teórico e conceitual da racionalidade positivista cartesiana, base da ciência moderna. Nessa perspectiva, o objetivo da escola é o fornecimento de conteúdo para alunos vistos como passivos, comportamento este determinado nos ditames disciplinares da mesma. É neste sentido que Freire (1980) elabora a concepção de educação bancária.

Dayrell (1996), afirma que o processo de ensino-aprendizagem, predominante nas escolas, se efetiva de modo a homogeneizar os ritmos, as estratégias e as propostas educativas para todos, nos programas e livros didáticos independentemente da origem social, da idade e das experiências vivenciadas pelos sujeitos. Essa homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal. Essa perspectiva homogeneizante não considera que os alunos compõem diversidade cultural.

As múltiplas faces do aluno são ignoradas, dessa forma o mesmo muitas vezes é considerado apenas pelas notas que tira e pelo seu comportamento na escola. Nessa forma de conceber a educação o vivido do aluno (sua diversidade cultural) não é importante ao

processo de ensino-aprendizagem. Dayrell (1996) destaca que a diversidade cultural existente no cotidiano da escola, permite desvendar a dimensão educativa presente no conjunto das relações sociais que ocorrem no seu interior. Para o autor, a própria estrutura física da escola reflete a concepção educativa. “Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola”. (DAYRELL, 1996, p. 13).

O ambiente escolar na Escola Dr. Freitas

Instituição de porte médio, localizada no bairro do Umarizal, em Belém. O bairro está na área de maior expansão vertical de empreendimentos imobiliários de padrão médio e alto para fins comerciais e residenciais. Os residentes destes edifícios colocam seus filhos para estudar em escolas privadas, cujas mensalidades facilmente atingem ou superam um salário mínimo. Assim, a escola Dr. Freitas, com todas as suas carências, parece estar ficando fora do lugar, como se fosse um corpo estranho em meio à especulação imobiliária do bairro. O relato que se apresenta nesse trabalho é produto de uma observação sobre o conjunto da escola, mas concentrado nas turmas A e B do 3º ano do ensino médio do turno da manhã. O período foi o segundo semestre de 2018.

A Relação aluno - professor

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educando memorizam e repetem como afirma Freire 1987. Nessa relação bancária o debate crítico e coerente não se concretiza na realidade da escola Dr. Freitas.

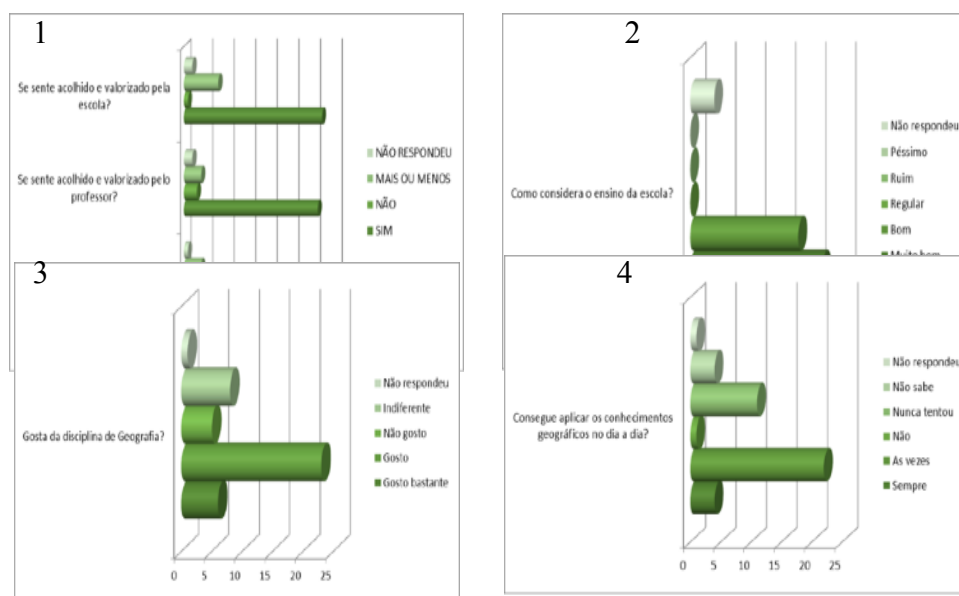
Relação aluno – aluno nos demais espaços físicos da escola

Há forte vigilância e controle dos alunos nas dependências da escola. Dentre os poucos locais nos quais os alunos podem se agrupar, um deles se localiza na entrada principal da escola, bem ao lado da diretoria e da coordenação pedagógica, dando a impressão de uma facilidade maior de controle comportamental dos alunos. A todo o momento em que os grupos

iam se formando (evidenciando alguma afinidade) uma funcionária imediatamente se aproximava e dispersava os mesmos, conduzindo-os em direção ao corredor principal. Na medida em que a escola não incentiva o encontro, ao contrário, dificulta a sua concretização. Quando ocorre, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitidos ou em situações de transgressão. Assim, as relações tendem a serem superficiais, com as conversas girando em torno de temas como paqueras, comentários sobre alguma moça ou rapaz, programas de televisão e assuntos similares – coincidindo com as reflexões de Dayrell (1996).

Resultados e discussões

Aplicou-se na escola um questionário qualitativo e quantitativo, objetivando confirmar ou descartar a discussão do texto. O questionário foi aplicado para 43 alunos, entre homens e mulheres, sendo todos oriundos de duas turmas do terceiro ano (turmas A e B) e tendo idade entre 16 a 19 anos. Além disso, os alunos foram orientados a responder somente se se sentissem a vontade e reportou-se a não obrigatoriedade de identificação.



Gráficos 1,2,3 e 4 referem-se à sistematização dos dados coletados na Escola Estadual Dr. Freitas.
Fonte: construídos e sistematizados em Pesquisa de Campo, pelos autores.

Analisou-se, de acordo com os resultados obtidos, que tais prerrogativas abordadas ao longo de toda a discussão textual se confirmam ao aplicar o questionário. Pois aconteceu

exatamente o que esperávamos. Respostas padronizadas, em sua maioria. A instituição padece de infraestrutura e muitos locais são subutilizados. Logo percebe-se que os alunos não têm o senso crítico e a sensibilidade de percepção. Por isso, 34 alunos responderam se sentiram confortáveis com a infraestrutura disponibilizada. Não se atentaram para a falta de merenda escolar, para a precarização das salas e o não uso de laboratórios, salas de multiuso, bibliotecas, etc.

Assim, observa-se o modelo vigente no ensino, no qual o aluno é estimulado e acostumado a responder questionários sem a mínima análise que cabe às questões abordadas, reproduzindo o modelo de educação “bancária”. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. Na verdade, como mais adiante discutiremos, a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador.

Outras experiências, vividas na Escola Doutor Freitas.

1 - Vídeo aula sobre as contradições da região nordeste do Brasil

Experiências que ratificaram algumas das principais questões levantadas por Dayrell (1996) – referem-se aos momentos de regência em sala de aula. Em um desses momentos, foram exibidos dois vídeos, para duas turmas de terceiro ano do ensino médio, relacionados às questões socioeconômicas da região Nordeste do Brasil, com o objetivo de levar exemplos concretos, da explicação teórica que o professor supervisor havia feito, em aulas anteriores. Antes da exibição, o contexto dos vídeos foi explicado e pediu-se que os alunos atentassem em alguns pontos do vídeo, em que eram mostradas as propostas do Governo Federal, para a resolução dos problemas sociais da região Nordeste. A seguir, foi proposto um debate com os alunos, sobre esses pontos.

A princípio, o entendimento é que a experiência não foi muito satisfatória, já que apenas dois alunos participaram da discussão proposta. No entanto, é preciso considerar que existe um padrão de comportamento pré-estabelecido, imposto, ainda que de forma implícita, aos alunos e professores. Esse padrão determina que os alunos devam receber os ensinamentos do professor, e não questionar muito. Sendo assim, ainda que o professor adote uma postura diferente, e proponha uma aproximação maior com os alunos, estes, muitas vezes, mostram certa resistência em participar ativamente, pois acreditam que não possuem nada a contribuir nas aulas. Como afirma Freire, 1987 eis aí a concepção “bancária” da educação.

Um exemplo disso, é que um dos alunos que participou do debate, só aceitou, por insistência de outros colegas. O segundo ponto a frisar, é o receio de errar, dos alunos, diante do professor, e principalmente, diante de outros colegas. Pois o erro, diante da concepção de escola tradicional, significa falta de inteligência e esforço, e motivo de zombaria. Quantos alunos não se sentem incapazes e frustrados diante desta situação? Quantos passam um período inteiro em uma escola, cheio de dúvidas, que não conseguem expor, por conta do medo de “errar”. Por outro lado, o professor, também se sente frustrado, pois ao não conseguir quebrar essa barreira entre ele e os alunos, acaba por desistir, e apenas cumpre aquilo que os padrões tradicionais impõem – professor fala e aluno fica calado. Depreende-se assim, que nem sempre, a não participação dos alunos, nos debates, significa falta de interesse. Isto decorre muito mais, da forma como as relações entre alunos e professores, são estabelecidas pela concepção de escola, que vigora atualmente.

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. (Freire, 1987.)



Figura 1: aplicação de vídeo aula sobre as contradições da região nordeste
Fonte: arquivo pessoal

2 – Geografia e músicas que tratam dos aspectos regionais da região nordeste do Brasil

Somado a experiência com os vídeos se tem as do ensino com música. Utilizou-se as seguintes músicas: Asa Branca – Luiz Gonzaga; Nordeste Independente – Elba Ramalho; Petrolina Juazeiro – Alceu Valença; Nordeste pra frente – Luiz Gonzaga e A volta da Asa Branca – Luiz Gonzaga. As músicas selecionadas tiveram a função de promover uma reflexão a respeito das várias facetas da região nordeste, diferentemente daquelas estigmatizadas, sobretudo por iconografias postas em circulação por livros didáticos na educação básica, as quais mostram a região como local de pobreza extrema, ao invés de mostrar as diversas facetas dentre elas as que indicam também as riquezas materiais e imateriais.

A promoção de reflexões coaduna com Gutierrez que afirma que não é a aquisição de dados que educa, por isso, o trabalho proposto, de mediação foi no sentido de permitir o estudante ouvir, ler, cantar, interpretar, discutir, opinar, avaliar, raciocinar, confrontar ideias, pensar, tirar suas próprias conclusões e transformar em saberes para aplicar e transformar sua realidade. O processo educativo pode proporcionar resultados imediatos e permanentes, resultantes de educação em aulas produtivas quando o discente constrói conhecimento e os expressa, como o observado nas falas durante o processo reflexivo sobre as letras da música

apresentadas aos discentes, os quais tiveram oportunidade de expressar seus pensamentos, compartilhando saberes construídos na coletividade, no debate produtivo, na ação pedagógica competente.

Assim, os alunos puderam ter outra forma de trabalhar o conteúdo que tem o Nordeste como pauta, superando, em parte, os limites da educação bancária. Tendo atividade sociocultural para absorção e assimilação de conhecimento. Levando em consideração cantores brasileiros, membros culturais do país. Músicas populares, que podem ser ouvidas no dia-a-dia e em locais públicos. Logo, dá-se oportunidade aos alunos de imergirem na cultura nordestina. Para Gutierrez (1994), o educador ao exercer a mediação pedagógica tratando os conteúdos e formas de expressão de diferentes temas possibilita o ato educativo dentro da educação concebida como participativa, criativa, expressiva e racional.



Figura 2 e 3: aplicação de geografização de músicas que tratam dos aspectos regionais
Fonte: arquivo pessoa

3 – Vídeos aula para a descriminalização do MST – movimento dos trabalhadores rurais sem terra

No mês de outubro, com a autorização do professor Lincoln, aplicamos uma vídeo aula com o intuito de desmistificar a impressão que os alunos do terceiro ano A e B tinham com relação ao MST – movimento dos trabalhadores rurais sem terra, tema esse tratado em sala de aula quando exposta à questão agrária no estado do Pará e no Brasil.

A aula foi ministrada em quatro etapas: a primeira etapa com exposição geral do tema e apresentação em slides incluindo o contexto histórico dos movimentos sociais no Brasil até a fundação do MST; a segunda etapa foi aplicada através de vídeo aula retratando a

história da universidade do MST – Florestan Fernandes com suas finalidades e campos de atuação e a apresentação da música Reis do agronegócio cantada pelo compositor Chico César com a finalidade de mostrar aos alunos a dicotomia presente nos interesses entre o agronegócio e os movimentos sociais; na terceira etapa foi aberto o espaço para o debate, porém, não houve por parte dos alunos interesse em debater o tema abordado com exceção de dois alunos que se manifestaram timidamente com relação ao contexto histórico do MST, porém os alunos afirmaram estarem satisfeitos com as elucidações trazidas com a exposição da vídeo aula, tal acontecimento ratifica Freire, 1987, ao afirmar que a narração ou dissertação implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos. Quarta etapa foi a proposição para que os alunos desenvolvessem um texto de no máximo uma lauda explanando seus entendimentos relacionados ao tema, a resposta foi bastante positiva por parte deles já que os mesmos alegavam estar bastante cansados, pois no dia anterior eles haviam feito a prova do ENEM – exame nacional do ensino médio inclusive a tão temida redação, todos os alunos em sala desenvolveram o texto e nos entregaram para a correção, de maneira geral todos assimilaram a mensagem passada. A quarta e última etapa da intervenção surgiu com o intuito de lutar contra a quase enfermidade da narração.

A tônica da educação que é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. (Freire,1987).

Após a apresentação da intervenção o professor Lincoln tomou a palavra e explicou de maneira bem clara o contexto relacionado aos movimentos sociais. Foi com a finalidade de chamar o aluno para o debate e não sermos meros depositantes de conhecimento que nos inspiramos em (FREIRE, 1996) na qual afirma que o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.



Figura 4: aplicação de Vídeo aula sobre a desmistificação do MST
Fonte: arquivo pessoal

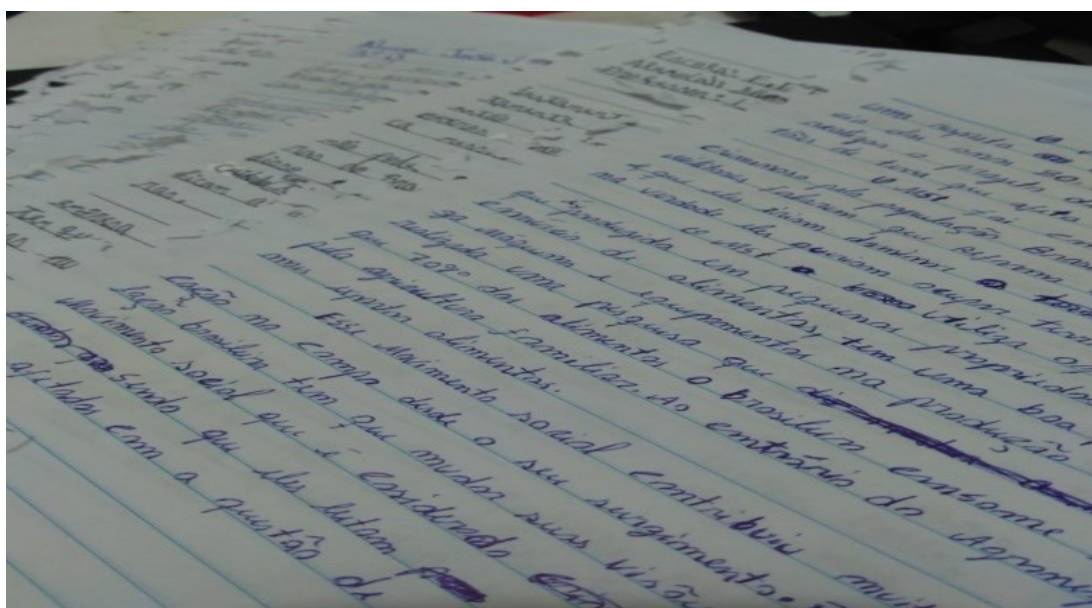


Figura 5: redações feitas pelos alunos
Fonte: arquivo pessoal

Impressões necessárias, porém, não conseguidas.

No final do ano de 2019 tentamos aplicar novamente um questionário qualitativo e quantitativo aos alunos da escola Doutor Freitas no intuito de analisarmos através do mesmo a satisfação dos alunos relacionados à presença dos bolsistas do PIBID no terceiro ano do ensino médio, porém nossa intenção não se realizou devido à impossibilidade da aplicação do

questionário no dia combinado com a diretoria da escola. O motivo para tal impossibilidade foi a aplicação de uma prova estabelecida pela secretaria estadual de educação SEDUC que avaliaria a qualidade do aprendizado na escola. Lamentavelmente não estarmos de posse de tal pesquisa nos impossibilitou de termos uma impressão mais completa com relação a satisfação dos alunos com as intervenções lançadas ao longo do ano de 2019.

QUESTIONARIO PIBID – DR FREITAS 2019

01 – A presença dos bolsistas do PIBID foi importante no auxílio das aulas de geografia no ano de 2019?
 Sim
 Não

02 – Os bolsistas do PIBID apresentaram informações de maneira clara sobre os temas tratados nas aulas de geografia?
 Sim
 Não

03 – Os métodos de ensino desenvolvidos pelos bolsistas como : músicas para contextualização dos temas das aulas, exibição de vídeos, debates, foram satisfatórios para o seu aprendizado?
 Sim
 Não

04 – Qual atividade apresentada pelos bolsistas do PIBID lhe agradou mais?
 Video aula sobre a globalização
 Geografização da musica Asa Branca
 video aula sobre a descriminalização do MST

05 - Você gostaria que as atividades desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID fossem aplicadas novamente aos novos alunos de geografia do terceiro ano do ensino médio?
 Sim
 Não

06 – Você gostaria de escrever alguma sugestão para que no próximo ano os bolsistas do PIBID possam melhorar o auxílio educacional aos novos alunos do terceiro ano do ensino médio ?

Figura 6: Modelo de questionário que seria aplicado aos estudantes no mês de dezembro
Fonte: arquivo pessoal

Considerações finais

A escola pública imersa em normas e numa realidade de falta de infraestrutura, de incentivo ao aluno, de apoio às atividades docentes e de baixa remuneração de seus profissionais pouco estimula a formação de pessoas autônomas e reflexivas. Nesses termos, a escola Dr Freitas lamentavelmente é parte de um processo mais amplo de reprodução das condições da exploração na sociedade, formando pessoas com baixa formação e menos ainda com capacidade consciente de questionamento. Necessitamos de instituições que estimulem a formação de cidadãos que adotem atitudes transformadoras, criticas que sejam verdadeiros instrumentos da construção de uma nova sociedade, não mais sustentada na exclusão e segregação. A observação e a prática ocorridos no trabalho de campo dentro do ambiente

escolar revelaram os limites desse espaço como formador, seja do professor, seja do aluno, não se constituindo em sua plenitude como um lugar de estudo e de reflexão direcionados ao senso crítico. O que se constata é a imposição de ritmos acelerados, fragmentados, descontextualizados, sem reflexão ou integração com os sujeitos que nele atuam. Perceber esta realidade significa compreender a complexidade e dificuldade que envolve a atuação docente, porém, não a impossibilidade da mesma. A fraca presença de um corpo pedagógico atuante que incentive e esteja aberto a inovações didáticas e uma diretoria que enxergue toda e qualquer forma de auxílio para com os alunos de maneira bem vinda é de fundamental importância para o sucesso de uma justa empreitada educacional. Refletir os desafios presentes no espaço escolar, não significa negar os vários indícios de práticas inovadoras. São professores variando métodos, procedimentos e linguagens, desenvolvendo aulas em espaços não convencionais, praticando a interdisciplinaridade e utilizando diferentes recursos didáticos. Ademais, há a transgressão dos alunos e outras formas de manifestação da inquietação em relação à realidade da escola pública. Aqui reside nossa esperança de mudança verdadeiramente transformadora.

Referências

- CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo:Contexto, 2011.
- DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUTIÉRREZ, Francisco. **Pedagogia para El Desarrollo Sostenible**. Heredia, Costa Rica: Editorialpec, 1994.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.